ECOS DO TEXTO: CONTRIBUIÇÕES DO DIÁLOGO ABERTO À CONSULTA CONJUNTA

PAULA FAVA DITT LUTTI [1]

[1] *Instituto Noos, São Paulo, SP, Brasil*

A pandemia de COVID-19 produziu efeitos profundos e duradouros na vida de crianças, adolescentes e suas famílias. Para os profissionais que atuavam em instituições educacionais durante esse período, tornou-se visível os efeitos dessa ruptura social que gerou grande sofrimento a todos. O que se observou foi uma geração atravessada por experiências de isolamento, medo e imprevisibilidade devido à grande desorganização dos sistemas relacionais.

Como pedagoga atuante em escola de ensino fundamental antes e durante a pandemia, e posteriormente como terapeuta sistêmica de casais e famílias, acompanhei de perto os efeitos dessa ruptura social quando pude observar crianças com empobrecimento de estímulos físicos e sociais; adolescentes com medo acentuado de situações sociais, retraimento corporal e emocional; famílias desorientadas frente às mudanças comportamentais dos filhos e a dificuldade de retomada do vínculo com a escola e com os colegas no momento do retorno para o convívio social. A leitura do artigo "Contribuições do Diálogo Aberto à consulta conjunta" produziu em mim forte ressonância, especialmente ao apresentar o caso de um adolescente que viveu experiências traumáticas no ambiente escolar, o que gerou um grande sofrimento manifestado em seu corpo. O texto ofereceu não apenas uma narrativa clínica, mas um paradigma de atuação que dialogou profundamente com os princípios da prática sistêmica.

O caso clínico apresentado no artigo trouxe luz ao fato que o adoecimento do jovem não poderia ser compreendido fora do contexto social complexo e imprevisível que o atravessou. O sofrimento se manifestou no corpo, na fala fragmentada, na retração, na perda da marcha — evidenciando que experiências traumáticas se manifestam não apenas por meio de narrativas, mas também pelas experiências encarnadas. Nesse relato, a atuação dos terapeutas pautada nos princípios do Diálogo Aberto evidenciou-se na compreensão ampliada da linguagem, pois a escuta dos terapeutas não considerou apenas a fala, mas também a postura corporal, os gestos, as expressões.

A parceria terapêutica com a família confirmou uma prática que considero essencial: famílias precisam ser aliadas do processo, não alvos de intervenção corretiva. Quando a família deixa de ocupar o lugar de "causadora do problema" e passa a ser reconhecida como parte da solução, ocorre um relaxamento do sistema, a defensividade diminui e o diálogo se amplia.

O trabalho apresentado no artigo também evidenciou a potência da consulta conjunta orientada por princípios dialógicos, pois, no período pós pandêmico, tornou-se evidente que muitos casos demandavam atuação multiprofissional. Profissionais presentes, atentos e apropriados de sua responsabilidade no processo criaram um campo terapêutico de confiança. A escuta ativa e transparente entre os terapeutas realizada na presença da família modelou um tipo de comunicação que o próprio sistema familiar pôde internalizar.

Na prática clínica com famílias, percebo que muitas vezes o que produz transformação não é uma técnica sofisticada, mas a presença ética do terapeuta: com

CC BY

disponibilidade, escuta genuína, validação da experiência e construção conjunta de sentido. Nesse trabalho, pudemos presenciar uma combinação de simplicidade: na presença, na escuta, na validação da experiência, na sustentação da incerteza com complexidade, ao sustentar diversas vozes, ao integrar e acolher diferenças e ao confiar na potência transformadora das relações.

PAULA FAVA DITT LUTTI
Pedagoga (USP), Terapeuta de Casal e Família (Familiae) em consultório particular e no Instituto Noos.
E-mail: p.lutti@me.com
https://orcid.org/0009-0002-5834-6322